

REVISTA

MEMÓRIAS LGBT+KILOMBOLA

**Etnia, Raça e
Sexualidade:
memórias e corpos
pretos em afeto**



Rede
Museologia
Kilombola

Revista Memórias LGBT
Ed. 13 - Ano 8 - 1º Semestre de 2021
ISSN 2318-6275



Expediente

Revista Memórias LGBT
Ano 8 – ed. 13
ISSN 2318-6275
www.memoriaslgbt.org
www.memoriaslgbt.com
revista@memorialgbt.org
Distribuição Gratuita

Revista Memórias LGBT

Editor Chefe: **Tony Boita**
Redator: **Jean Baptista**
Direção de Arte: **Aline Inforsato**

Equipe Museologia Kilombola

Coordenação de Projeto:
Inah Irenam e Lucas Oliveira
Curadoria:
**Andressa Batista, Edna Paixão,
Inah Irenam, Lucas Oliveira, Lucas
Ribeiro, Marina Pinheiro, Nutyelly Cena**

Articulação Rede Kilombola:

Andressa Batista (UFBA)
André Legos (UFMG)
Ana Paula Pacheco (UFMG)
Carolina Rocha (UFMG)
Edna Paixão (UFRB)
Flávia Moraes (UnB)
Inah Irenam (UFBA)
Lucas Oliveira (UNIRIO)
Lucas Ribeiro (UFRB)
Luciana Menezes de Carvalho
(ICOFOM LAC)
Marina Pinheiro (UNIRIO)
Nutyelly Cena (UFG)
Pamella Andrade (Museu Catavento)
Thainá Castro (UFSC)
Vitú de Souza (UFMG)

--

Capa: Performance Dorso.

Artista: Vitú de Souza

Os conteúdos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista Memórias LGBT e de seu editor.

A revisão gramatical e ortográfica dos textos é de exclusiva responsabilidade das pessoas que escreveram os textos.

Editorial

Corpo | Quilombismo | (K)Quilombola | Preta | Negro
Sexualidade | Resistência

Esta edição foi construída em conjunto com a Rede Museologia Kilombola.

Por meio de uma metodologia colaborativa, a Revista Memória LGBT e a Rede LGBT de Memória e Museologia Social seguem se opondo a uma Museologia branca, heterocentrada, elitista e provinda dos grandes centros urbanos.

Pois sim, de nada adiantará rompermos as barreiras da Museologia no campo das sexualidades se ela seguir sendo dedicada a homens (ainda que gays), brancos, burgueses e nascidos em grandes centros urbanos.

A Museologia LGBT brasileira assim se denomina por se dedicar ao campo das Políticas Públicas, por se interessar pela superação da opressão promovida pelos membros das classes que insistem em se manter no poder excluindo e destruindo todos os que não são de sua classe, cor e sexualidade.

Como nos deixa entender Lucas Ribeiro, entrevistado desta edição, a intersecção entre Museologia Kilombola e Museologia LGBT promove a busca do viver se amando. Este é um desafio muito difícil para quem cresceu sendo menosprezado e destruído pelos donos do poder. Mas quando vemos esta encruzilhada, em sua beleza e potência museal, percebemos que é possível construir estratégias para ir minando sistemas de opressão como o racismo e LGBTfobia tão vivos dentro e fora da Museologia.

Vida longa à Rede Kilombola!

Tony Boita e Jean Baptista

[/Revista Memórias LGBT](https://www.facebook.com/RevistaMemoriasLGBT)

[@memoriaslgbt](https://www.instagram.com/memoriaslgbt)

memoriaslgbt.com

Sumário

Histórico	Entrevista	Memórias	Ensaio	Poesia	Artigo	Exposição																											
Palavras em Rede	Entrevista Hérica Catarino	Museologia Kilombola e questões LGBT: conversas com Lucas Ribeiro	Entrevista com o escritor e artista Stefano Volp	Renascimento	Preto, Assexual e fluído: quem somos?	Caroço de umbu	Ensaio sobre fragilidades	Corpo negado	Meus Escritxs	Pega visão	Ponto final	Oyá Eu	Força bruta	Toque	Flor Bela	Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?	Carta de amor às Bixas Pretas	“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente	MandumeHQ: autores do novo mundo	Entrecosturas para desfazer narrativas hegemônicas: diálogos contemporâneos	Vergonha da própria existência (sim, eu tive)	Desfazer	Vivo Sempre Sempre vivo	Corredor	It a Otária	Não quero ter que lutar	E agora?	Abstrato	Ossaín	Oxumarê	Renascimento	Performance Dorso	Moonlight
4	10	14	18	21	26	29	31	35	36	40	41	42	43	44	44	45	49	53	58	61	71	75	80	85	86	87	88	89	90	91	92	98	105



Bruno Novais Dias¹

Mestrando em Dança e Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança pelo programa de pós-Graduação em dança da Universidade Federal da Bahia. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Atibaia. Interessado em pesquisar a afetividade negra enquanto instrumento propulsor em processos criativos. (bruno_novais@hotmail.com)

Carta de amor às Bixas Pretas¹

De: Bruno Novais Dias
Para: Todas as bixas pretas

e nossas danças negras e periféricas foram, e são, perseguidas e tratadas com violências. Nas primeiras décadas do século XX, o samba foi duramente perseguido e marginalizado, principalmente por ser de estética negra e ser modo de vida e manifestação cultural ascendente e descendente de africanos, como foi demonstrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN no Dossiê Matrizes do samba no Rio de Janeiro, em 2014, assim como a capoeira era considerada vadiagem e perseguida igualmente pelas autoridades. Atualmente, a história se repete. Os bailes funk do Rio de Janeiro e São Paulo, e as festas de pagode baiano em Salvador, são alvos do extermínio da população negra e periférica, o que Abdias do Nascimento (2019) chama de Genocídio.

A percepção dos nossos próprios caminhos, implica em atentar aos caminhos dos nossos

pares, os que nos compõem também. Espero contribuir com intervenção ampliada no que tange uma abordagem da dança que se dá no corpo, reforçando a contribuição de um modo de produzir danças negras e de existência no mundo. Essas perspectivas fundamentam, neste artigo, como ampliação de campo de conhecimento e ações mobilizadoras no campo coletivo. Uma proposta de encorajamento, de interrogação e engajamento com ações possíveis e eficazes, que junto a outras relações, encruzilhadas com outros campos, inauguram um outro modo de perceber do corpo contra as injustiças. Respeitar outros saberes, reconhecer as pluralidades de povos, nos entendermos como sujeitos que afetam e são afetados, e como as danças negras nucleiam modos de ser/existir e sentir o mundo com valores e ressignificações filosóficos na afrodíspora.

Referências

ALMEIDA, Silvío. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

D`ADESKY, Jacques; SOUZA Teixeira de Marcos. **Afro-brasil, debates e pensamentos.** Rio de Janeiro: Editora Cassará, 2015, p. 312-339.

FANON, Frantz. *Présence Africaine Nouvelle série*, No. 8/10. Le 1er Congrès International des Écrivains et Artistes Noirs. Paris, Sorbonne. 19-22 Septembre 1980. p. 122-13.

JAGUN, Márcio de. *Orí: A cabeça como divindade: História, Cultura, Filosofia e Religiosidade.* Ed. Litteris, 2018.

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá: dinâmica da civilização africanobrasileira.** Salvador: EDUFBA, 2017.

MOREIRA, Adilson José. **Pensando como um negro: ensaio de hermenêutica jurídica.** São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

_____. **Racismo Recreativo.** Belo Horizonte: Letramento, 2019. (Feminismos Plurais).

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** Rio de Janeiro: Editora Perspectiva.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

SILVA, Bruno de Jesus da. **Opaxorô, Ofá e Oxê: legado, narrativas de danças de Mestre King e Jorge Silva.** 160 f. il. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em

Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020 disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32120> acesso em 19 de setembro 2020.

SILVA, Bruno de Jesus da. **Ofá, um pensamento de caça: a coreação de Jorge Silva como afroperspectividade.** Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Salvador: ANDA, 2019a. p. 1979- 1989.

_____. **Dança em voz alta.** Janela de Dramaturgia: edição Manifesto, p. 67-73. Belo Horizonte, 2019. Catálogo I. Publicação em dezembro 2019b.

_____. **RAIMUNDOS: Mestre King e as Figuras Masculinas da dança na Bahia.** Documentário. DVD (31 min.). Direção Bruno de Jesus. Salvador, 2016, color, português.

SILVA, Marilza Oliveira da. **Ossain como poética para uma dança afrobrasileira.** Programa de Pós-Graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19743/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Marilza%20Oliveira.pdf>. Acesso em 16 fev. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.

_____. *O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira.* Ed. Imago, 2002.

TAVARES, Julio. **Dança de Guerra: arquivo e arma (elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira).** Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

Salvador, 13 de novembro de 2020

Como vão amadas? Tudo bem?

Já faço questão de iniciar com amadas, pois este é o motivo que estou enviando essa carta para todas vocês, para enfatizar o nosso direito de amar e sermos amadas. Parece até loucura e perda de tempo falar sobre amor, ao mesmo tempo que estamos vendo as nossas manas serem aniquiladas a cada dia por uma estrutura perversa que nos coloca como seres inferiores (recalque do mais violento). Mas é exatamente aí que mora o perigo, é exatamente isso que os nossos opressores querem, que esqueçamos de nós mesmas, que esqueçamos de nos valorizarmos, que esqueçamos como amar. E, acreditem, este é um projeto bem antigo.

bell hooks (1993), mulher preta, socióloga e ativista, nos conta em seu texto *Living to Love*¹, como desde o período escravocrata, nós, pretas e pretos temos dificuldades em cuidar dos nossos processos afetivos. Imaginem, passamos anos sendo violentadas, oprimidas e condenadas e confiar no *outro*, a maioria das vezes, é uma tare-

fa difícil – principalmente se esse *outro* for *branco*. hooks fala em seu texto que as(os) negras(os) “aprenderam a aguardar por um momento seguro, quando os sentimentos poderiam ser expressados”². Agora o babado é como encontrar lugares e pessoas que nos passem segurança, se a todo momento estamos sendo crucificadas, simplesmente por existir? Por isso a importância de pensarmos em amor enquanto *Bixas Pretas*.

Outra mana incrível é o Lucas Veiga (2019), bixa preta e mestre em psicologia, fala em seu texto *Além de Preto é gay – Diáspora das Bixas Pretas* que sofremos uma segunda diáspora, quando assumimos (ou somos forçadas) a nossa sexualidade para o mundo, e acabamos muitas vezes sendo expulsas dos nossos grupos sociais “seguros” por conta disso³. Talvez algumas de vocês que estejam lendo essa carta já foram recriminadas por usar um batom da mãe ou da irmã, brincar com uma toalha na cabeça fingindo que era cabelo cumprido, por ser afeminada demais, ou até mesmo de fato serem expulsas de casa por ter sido pegas

beijando um *boy*. Se você já passou por uma dessas situações ou outras parecidas, eu sinto muito, e, acredite, você não está SÓ!

É muito comum ver textos abordando a *solidão da Bixa Preta*, mas muito pouco se houve falar sobre o *amor da Bixa Preta*. Precisamos começar a mostrar que também podemos e devemos vivenciar esse sentimento. Amar a nós mesmas, amar ao próximo, amar o que fazemos, amar as nossas potencialidades. bell hooks (1993) no mesmo texto que citei acima, fala que o amor é uma *ação e uma intenção*⁴, ou seja, o amor é algo autônomo, algo que construímos, algo que não é perfeito, algo que é *real*. Diferente do que as novelas e a maioria das produções midiáticas *brancas* vendem sobre esse sentimento, hooks nos mostra que todos podemos amar, que basta termos a *intenção e ação* de produzi-lo. É importante ressaltar que não estamos só falando de amor conjugal, e sim qualquer forma de amor, seja por você, pela sua mãe, pai, amiga, vizinha, periquito, cachorro, pela dança, enfim, a escolha é sua. Não podemos ficar esperando o *amor acontecer*. Primeiro porque nunca tivemos esse privilégio de esperar nada cair de bandeja em nossas mãos, não é mesmo? Mas, principalmente, porque amar é tentar, é pedir desculpas, é pedir colo, é estender a mão quando pode (ou muitas vezes a sua casa para abrigar a mana). Amar é troca, é entrega, é dedicação, é errar, é *plural*.

Precisamos entender que amar é um ato político de resistência e sobrevivência. É isso mesmo manas, vivendo em uma sociedade racista, homofóbica, LGBTfóbica, machista entre outras opressões, quando damos atenção para o nosso processo de amar, estamos nos fortalecendo para enfrentar todas essas estruturas violentas e genocidas. Principalmente enquanto *Bixas Pretas* – na maioria das vezes fetichizadas – apontadas como agressivas e diversas vezes resumidas ao tamanho do nosso pau ou bunda. Eu sempre ouço queixas das minhas manas que não conseguem ter relações dura-

douras com um *boy*, pois eles apenas querem saber de transar e nada mais. Com isso começa um processo de pensarmos que o problema somos nós, que não somos bonitas o suficiente, que temos algum defeito simplesmente por existirmos e a nossa autoestima é atropelada por todos esses processos. Nossa mana Lucas Veiga diz no seu texto⁵ que:

A sensação de não ter lugar, de não pertencimento, própria da experiência diaspórica, comparece também no campo do amor, da afetividade. A dificuldade nas relações amorosas está relacionada com a baixa do seu senso de amor próprio. Não se amando como se é vivendo com a sensação iminente de rejeição, a bixa preta, por vezes, cai em um desses complicados arranjos: ou não se permite amar e não suporta receber o amor do outro quando amada, ou ama e se submete a uma relação em que não é amada, ou ama e é amada, mas vive em estado permanente de ansiedade devido à sensação de que a qualquer momento esse amor pode acabar.

Utilizando esses três estados que ele cita em seu texto, percebemos o quanto é eminente esse lugar conturbado que é *amar* para nós. Sei que ao ler essa carta vocês podem pensar que é muito fácil escrever e falar sobre, mas que mudar essa sensação e essa realidade às vezes parece impossível. Por isso a importância de nos *aquilombarmos*⁶, de estarmos juntas, de dar apoio uma à outra, de nos *amar*. Atualmente estou no mestrado em dança no Programa

de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia me debruçando em cima de um possível conceito chamado *Quilombo de afetos*, que fala sobre criarmos e cuidarmos de uma rede afetiva que priorize as experiências de pessoas negras, construindo os nossos espaços seguro de trocas e compartilhamentos para nos fortalecermos, resistirmos e (re)existirmos. Essa ideia veio com base no termo *Quilombismo* de Abdias Nascimento⁷, com o intuito de ser um galho que compõem a majestosa árvore que é esse conceito para focar em nossos afetos e transformá-los em potências de vida.

Enquanto artista/pesquisador da dança, desde de 2017 venho pesquisando sobre processos homoafetivos em minhas criações. O último trabalho que dirigi intitulado *POC: Pretas, ousadas e Contemporâneas*, foi o maior aprendizado até então que tive sobre esse processo de *aquilombamento*. Convidei quatro bixas pretas afeminadas estudantes da Escola de Dança da UFBA, para criarmos um espetáculo a partir de histórias de amor de cada uma. A proposição dentro do processo criativo era de compartilharmos essas vivências diretamente pelo corpo, dançando essas histórias, esses amores. Uma referência para nós nesse processo foi o conceito de *Performance da Oralitura* de Leda Maria Martins (2013), que em suas palavras diz:

Que o corpo em performance, é, não apenas expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente a um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento, conhecimento este que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, nos solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performativamente o recobrem.⁸

Depois da apresentação do espetáculo, alguns dos interpretes mencionaram como passaram a valorizar mais o seu corpo e sua autoestima, e de como era importante participar de um processo que protagoniza as nossas Histórias. Isso é o *Quilombo de afetos*, é pensar em ações que valorizem as nossas experiências, os nossos afetos, de entendermos que juntas podemos fazer qualquer coisa. De construir novas narrativas a partir da arte, do direito, da ciência, da política ou qualquer outra instância. Por isso escrevi essa carta, para dizer para todas, todos e todes, que *NÃO ESTAMOS SÓ!* Precisamos estar em todos os lugares, podendo demonstrar os nossos afetos em qualquer espaço, mas antes, precisamos cuidar da gente, nos valorizarmos, nos unirmos e nos amarmos.

Para a *Fexação* dessa carta, termino citando a diva Liniker, que fala em sua música *Remonta* a seguinte frase: “Remonta o amor [...] Que eu não quero mais saber de desamor”⁹. Vamos remontar nossos amores e construir novas possibilidades, com muito close, glamour e fexação.

Atenciosamente: Bruno Novais

 [@bruno_novais](https://www.instagram.com/bruno_novais)
 @nucleoews@gmail.com
 [Nucleo Eus](https://www.facebook.com/NucleoEus)
 [@brunonovaisdias](https://twitter.com/brunonovaisdias)
 [Bruno Novais](https://www.youtube.com/BrunoNovais)
 [Núcleo Eus](https://www.youtube.com/NucleoEus)
 [Site Bruno Dias](https://www.sitebrunodias.com)



Leonardo dos Santos Silva

Artista da Dança, Mestre, Especialista e Licenciado em Dança pela Escola de Dança da UFBA. Pesquisador em Processos Educativos em Dança, Gênero e Sexualidades com ênfase na Teoria Queer. Diretor do Grupo Jeitus de Dança e Líder do Grupo de Estudos PISA+. ssantosleonardo90@gmail.com.

“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente

- 1 Termo utilizado com “x” pelos ativistas homossexuais negros como transgressão da linguagem formal e ação política que intersecciona raça e sexualidade.
- 1 Mestrando em Dança e Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança pelo programa de pós-Graduação em dança da Universidade Federal da Bahia. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Atibaia. Interessado em pesquisar a afetividade negra enquanto instrumento propulsor em processos criativos. (bruno_novais@hotmail.com)
- 1 (HOOKS, 1993)
- 2 (HOOKS, 1993, p. 232, tradução nossa)
- 3 (VEIGA, 2019)
- 4 Living to Love (HOOKS, 1993)
- 5 (VEIGAS, 2019, p. 89)
- 6 Conceito de Beatriz Nascimento que fala da importância de nos unirmos enquanto pretas e pretos. (NASCIMENTO, 2018).
- 7 Abdias Nascimento define o Quilombismo como uma proposta afro-brasileira de organização político-social de nosso país, construída com base em nossa própria experiência histórica, cuja riqueza elimina a necessidade de procurarmos orientações ideológicas alheias de qualquer gênero. (NASCIMENTO, 2019, p. 58).
- 8 (MARTINS, 2013, p. 66).
- 9 Música do álbum Remonta da banda Liniker e os Caramelows, composição e vocal Liniker Barros (2016).

Referências

HOOKS, Bell. Living to Love: **Women’s Health**. Emmaus: Rodale, vol. 05, 1993, p. 231-236

LINIKER E OS CAMELOWS, **Remonta**. São Paulo: Pomm_elo, 2016. Disponível em: https://open.spotify.com/track/7N2q0xl7YJ6EB8iHatfwPo?si=tV7wLjgPR-QOlgOvA_y-wLw. Acesso em 13 de novembro de 2020.

MARTINS, Leda. **Performances da Oralidade**: Corpo, lugar da memória. Letras. Santa Maria: Universidade Federal Santa Maria, vol. 26, 2003, p.63-81

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: Documento de uma militância Pan-Africanista. Ed03. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual**: Possibilidade nos dias da destruição. Ed. São Paulo: Filhos da África, 2018.

VEIGA, Lucas. **Além de preto é gay**: diáspora da bixa preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf (org). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. Ed. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019, p. 77-93

Os pontapés para que se crie um grupo de dança de forma independente, em Salvador, são múltiplos. Vão desde a necessidade de externalizar questões pessoais, coletivas, compartilhar momentos com amigos/as, reunir pessoas em prol de uma questão ou problema, à ideia ampla de representatividade em cena. Enfim, por serem diversificadas nas formas de surgimento trazem consigo outras narrativas indissociáveis do seu fazer artístico. Por

Foto: Alice Rodrigues

Chamada para o Dossiê

"Museus e Museologia LGBT"

Estão abertas as submissões para o Dossiê "Museus e Museologia LGBT" organizado por comissão composta por Jean Baptista (UFG), Tony Boita (UFG), Thainá Castro (UFSC) e Inês Gouveia (USP)

Segue a proposta do Dossiê "Museus e Museologia LGBT"

Na última década, paradigmas identitários dissidentes passaram a questionar a matriz heterossexual hegemônica nos museus e no debate museológico. Neste cenário, valendo-se da sigla vigente no escopo das políticas públicas brasileira, emerge uma Museologia LGBT, então interessada na superação da fobia à diversidade sexual no campo em que se aplica. Com a afirmação, problematização e análise das múltiplas identidades existentes por de trás da sigla LGBT, amplia-se o debate sobre a memória, patrimônio, salvaguarda e sentidos da manutenção de suas referências materiais e simbólicas. Assim, novas abordagens teóricas relacionadas a políticas públicas, direitos humanos, teoria Queer e interseccionalidade (gênero, identidade de gênero, orientação sexual, cor/raça e classe), bem como práticas inovadoras expressas na criação de museus com perfil específico, estudos de musealização de acervos representativos da comunidade LGBT, releituras de acervos musealizados, promoção de memórias marginalizadas, agremiações intelectuais em rede, entre outras possibilidades, demonstram a potencialidade e os limites do tema e sua ampla diversidade de atuação. Neste sentido, o presente dossiê pretende reunir autorias interessadas neste debate, de modo a ilustrar e aprofundar um pensamento crítico sobre a relação entre museus, Museologia e população LGBT.

As submissões serão aceitas até 31 de dezembro de 2021.

**Envie sua história, conte suas memórias,
denuncie a discriminação.**

**Envie também depoimentos, contos, relatos,
fotos e o que mais quiser**

revista@memorialgbt.com